

**Currículo que resiste: a experiência do Enegre(S)er como Ato Pedagógico  
Antirracista****Curriculum that Resists: The Enegre(S)er Experience as an Anti-Racist Pedagogical Act****Currículo que Resiste: La Experiencia de Enegre(S)er como Acto Pedagógico  
Antirracista**Ailma Rocha Soares<sup>1</sup>Albano de Goes Souza<sup>2</sup>Reginaldo Pereira Santos<sup>3</sup>José Eduardo Ferraz Clemente<sup>4</sup>**Relato de Experiência:****Linha de pesquisa:** Prática Pedagógica, Currículo e Formação de Professores**Resumo**

O presente relato aborda a experiência do projeto Enegre(S)er, desenvolvido em uma escola estadual de tempo integral na Bahia, com foco na educação antirracista e no enegrecimento do currículo. A fundamentação teórica baseia-se nas concepções da pedagogia histórico-crítica, da educação para as relações étnico-raciais e das metodologias ativas, que reconhecem o estudante como sujeito ativo do processo educativo. A metodologia utilizada combina pesquisa exploratória e descritiva, com instrumentos como questionários e entrevistas, além da aplicação da Aprendizagem Baseada em Projetos, que possibilita práticas interdisciplinares nas áreas de Ciências Humanas e Linguagens. As atividades envolveram rodas de conversa, oficinas, cineclube, produção de materiais artísticos e culturais, valorizando a identidade negra. Os resultados apontam para maior protagonismo estudantil, fortalecimento da autoestima e da consciência racial, bem como maior engajamento da comunidade escolar. O projeto demonstra potencial transformador ao promover práticas pedagógicas inclusivas e decoloniais.

**Palavras-chave:** Currículo. Educação Antirracista. Enegre(S)er.**Abstract**

---

<sup>1</sup> UNIVASF, Mestranda em Ensino (PPGENS), e-mail: ailma.soares@nova.educacao.ba.gov.br

<sup>2</sup> UNIVASF, Doutor em Educação, e-mail: albano.goes@univasf.edu.br

<sup>3</sup> UNIVASF, Doutor em Difusão do Conhecimento, e-mail: reginaldo.pereira@univasf.edu.br

<sup>4</sup> UNIVASF, Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências, e-mail: joseeduardo.clemente@univasf.edu.br

This experience report presents the Enegre(S)er project, developed in a full-time state school in Bahia, focused on antiracist education and the “blackening” of the curriculum. The theoretical foundation is based on the concepts of historical-critical pedagogy, education for ethnic-racial relations, and active methodologies, which recognize students as active subjects in the learning process. The methodology combines exploratory and descriptive research, using questionnaires and interviews, along with Project-Based Learning, enabling interdisciplinary practices in the fields of Humanities and Languages. Activities included discussion circles, workshops, film sessions, and the production of artistic and cultural materials, all aimed at valuing Black identity. The results indicate stronger student protagonism, increased self-esteem and racial awareness, as well as greater engagement of the school community. The project shows transformative potential by fostering inclusive and decolonial pedagogical practices.

**Keywords:** Curriculum. Antiracist Education. Enegre(S)er.

## Resumen

Este relato de experiencia presenta el proyecto Enegre(S)er, desarrollado en una escuela estatal de tiempo completo en Bahía, con enfoque en la educación antirracista y en el “enegrecimiento” del currículo. La fundamentación teórica se apoya en la pedagogía histórico-crítica, en la educación para las relaciones étnico-raciales y en las metodologías activas, que reconocen a los estudiantes como sujetos activos en el proceso de aprendizaje. La metodología combina investigación exploratoria y descriptiva, utilizando cuestionarios y entrevistas, junto con el Aprendizaje Basado en Proyectos, lo que permite prácticas interdisciplinarias en las áreas de Humanidades y Lenguajes. Las actividades incluyeron círculos de diálogo, talleres, cineclub, producción de materiales artísticos y culturales, con el objetivo de valorar la identidad negra. Los resultados señalan mayor protagonismo estudiantil, fortalecimiento de la autoestima y de la conciencia racial, así como una participación más amplia de la comunidad escolar. El proyecto demuestra potencial transformador al promover prácticas pedagógicas inclusivas y decoloniales.

**Palabras clave:** Currículo. Educación antirracista. Enegre(S)er.

## 1 Introdução

Este artigo surgiu a partir das discussões realizadas na disciplina Práticas Pedagógicas e Gestão do Ensino, do Mestrado em Ensino da Univasf, onde discutimos que a escola não é um ambiente neutro, que o ensino e a práxis pedagógica são carregadas de intencionalidade, logo, o currículo sofre a pressão e interesses externos e ao mesmo tempo que garante aos estudantes acesso ao conhecimento de forma crítica e alinhado a sua realidade, pode ser um ambiente que reproduz diferentes tipos de desigualdades, nesse sentido, Arroyo (2013) destaca que o currículo se comporta como um território em disputa, locus privilegiado da luta por reconhecimento, além da relação direta destas discussões com as vivências e experiências da unidade escolar onde sou docente, deste modo decidimos relatar sobre a experiência com o projeto

interdisciplinar de educação antirracista, o Enegre(S)er.( O Enegre(S)er é um projeto interdisciplinar desenvolvido desde 2022 numa unidade escolar de Juazeiro, Bahia).

A escola nem sempre foi um espaço de acolhimento para os corpos negros, o projeto surgiu de um episódio com uma estudante novata no colégio, que sofreu racismo por conta do cabelo black, no mesmo período a unidade escolar fez uma pesquisa socioeconômica e notou-se que os estudantes não se reconheciam como pretos, embora tivessem a pele retinta, a maioria se identificava como parda, isso porque por muito tempo, a cor da pele foi motivo de silêncio, exclusão e vergonha dentro dos muros escolares. O conhecimento ali valorizado era, quase sempre, branco, europeu e distante da realidade de boa parte dos estudantes. É neste contexto que nasce o projeto Enegre(S)er, como uma resposta viva e necessária, não apenas um projeto, mas um movimento de reexistência que atravessa o cotidiano escolar, colore o currículo e convida a comunidade a se reconhecer em suas raízes, “há muito, que o currículo está no centro da relação educativa que o currículo corporifica os nexos entre saber, poder e identidade.” (Silva, 2010, p.10).

O projeto é desenvolvido desde 2022 e faz parte do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar, a palavra “Enegre(S)er” já carrega em si a potência de um verbo em ação: é ser com negritude, com história, com luta e com orgulho. É também reconhecer que a educação precisa se olhar no espelho, assumir suas dívidas históricas e se comprometer com práticas antirracistas que ultrapassem os discursos e se materializem nas vivências do dia a dia. Sueli Ferreira (2010, p.142) já defendia, que a escola e as estruturas sociais “reforcem o empoderamento de diferentes grupos... para que os alunos de diversos grupos étnicos, raciais e sociais possam experimentar a equidade educacional e o reforço do seu poder na escola.”

Nesse sentido, as metodologias ativas são estratégias de aprendizagem que tem a finalidade de impulsionar o estudante a descobrir um fenômeno, compreender seus conceitos e saber relacionar suas descobertas com seus conhecimentos já existentes. Na Bahia, onde a presença negra é fundadora da identidade cultural, é impossível pensar educação sem considerar essa marca. Como bem nos lembra a professora Nilma Lino Gomes, a educação antirracista não é uma opção, mas uma urgência. Inspirado nesses

pensamentos e nas vivências dos nossos estudantes, o Enegre(S)er se propõe a romper com o currículo tradicional, muitas vezes engessado e desconectado das realidades locais.

Na prática, o que temos é um currículo real, construído com afeto, escuta e compromisso. Nossas atividades vão desde rodas de conversa sobre identidade negra até oficinas de turbante, traças, grafismo, capoeira e dança. Tudo isso conduzido com o objetivo de fortalecer o senso de pertencimento e autoestima dos alunos.

A escola passa a ser espaço de celebração das culturas negras, e os estudantes, antes invisibilizados, se enxergam protagonistas de sua própria história. Estudantes que alisavam o cabelo por pressão social aprendem a amar seus cachos e os usa com orgulho. Essas mudanças não aparecem nos boletins, mas estão gravadas no jeito como ocupam o espaço, olham nos olhos e falam de si, meninos e meninas pretos que se enxergam belos e belas, e principalmente que estão conscientes de suas potencialidades e da necessidade de rupturas os padrões e estimas para a juventude e corpos negros. No desenvolvimento do projeto interdisciplinar buscamos usar as metodologias ativas de ensino e aprendizagem em especial a Aprendizagem Baseada em Projeto para estimular o protagonismo e criatividade dos discentes.

## 2 Fundamentação teórica

A partir da década de 60 Dermeval Saviani desenvolveu no Brasil a tendência pedagógica crítico-social ou histórico-crítica dos conteúdos. (Bohrer,2017), que trazia a perspectiva do professor como mediador do conhecimento e uma educação voltadas para temáticas sociopolíticas, com ênfase no aluno como sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, concepção esta defendida também por Paulo Freire (1996, p.47) que descreve a necessidade da autonomia ao afirmar “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção.” O Enegre(S)er é processo de construção e afeto, na Bahia, o antirracismo não é uma ideia abstrata, pulsa no cotidiano, a Resolução CEE nº 97/2024 institui diretrizes firmes para que o ensino da cultura afro-brasileira, africana, indígena e

quilombola faça parte do currículo básico, com carga horária mínima e formação docente contínua.

Com efeito, para entender as relações entre currículo, etnia e raça faz sentido aquelas concepções que questionam a suposta neutralidade do currículo, deste modo, enfatizo que o currículo forja subjetividades e nesse processo, são marginalizadas as identidades que são historicamente destituídas de poder com as mulheres, os homossexuais, e notadamente, a dos negros. (Pereira, 2010, p.131).

Sua contribuição combina Educação Integral com Educação para as Relações Étnico-Raciais, no currículo da rede estadual, o estudo étnico-racial faz parte do itinerário formativo e faz uma abordagem pedagógica que visa combater o racismo e a discriminação, reconhecendo a diversidade étnico-racial como princípio fundamental da educação.

Esse entendimento atravessa gerações, reforçando a educação como chão histórico e político, isto é o currículo real, quando a escola acolhe práticas culturais vivas: capoeira, cozimento de pratos típicos, leitura de contos africanos, grafismo, dança, rodas de conversa, todavia, “é marcante, nos relatos de experiências, a necessidade de incluir a questão racial no currículo das escolas tendo o cuidado de não folclorizar a atividade.” (Cavalleiro, 2024, p.32). É importante estar consciente de que as práticas pedagógicas eurocêntricas reforçam estruturas de exclusão, enquanto a educação antirracista emerge como caminho para a autonomia e emancipação dos jovens negros. O currículo real, então, torna-se linguagem de empoderamento, rompendo a invisibilidade imposta pelas estruturas escolares tradicionais.

Ainda hoje, a aplicação das leis e políticas enfrenta desafios, falta de letramento racial e formação docente adequada permanece entrave real. Professores relatam que, mesmo com boas intenções, muitas vezes atuam sem segurança porque não foram formados para isso. Mas é justamente aí que a escola com Enegre(S)er ganha força, quando fazemos a escuta dos estudantes e eles estão inseridos no desenvolvimento das atividades.

É num tempo como esse que nós, educadores, educadoras (pós) críticos/as, nos vemos moralmente obrigados, mais do que nunca, a fazer perguntas cruciais, vitais, sobre nosso ofício e nosso papel, sobre nosso trabalho e nossa responsabilidade. (Silva, 2010, p.8)

## 2.1 O projeto Enegre(S)er e o Tempo Integral

Na luta e busca desta educação antirracista o Colégio Estadual de Tempo Integral Paulo José de Oliveira desenvolve o Projeto Interdisciplinar: Enegre(S)ER, desde 2022 articulando experiências e conteúdos curriculares sobre a história africana, afro-brasileira no processo de constituição do nosso país, valorizando a cultura, beleza e empoderamento dos estudantes pretos. O público-alvo do projeto são os estudantes do ensino médio do Tempo Integral e da EJA atendidos pela escola, que é composta por estudantes que se identificam na sua maioria como pretos e pardos, oriundos da periferia.

O Projeto desenvolve-se ao longo de todo o ano letivo de forma interdisciplinar, como parte integrante do currículo escolar, estando diretamente vinculado às disciplinas diversificadas previstas na Base Nacional Comum Curricular e das Áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas fundamentado em uma metodologia participativa, crítica e dialógica, que reconhece os(as) estudantes como sujeitos ativos na construção do conhecimento, em constante interação com a realidade social e cultural que os cerca.

O Projeto se constitui como um espaço de formação e autoafirmação, tendo como público-alvo estudantes da referida escola, mas com abertura para outras unidades da rede pública estadual de Juazeiro. As ações propostas visam de algum modo desestabilizar os currículos escolares. Pensamos aqui a escola como campo de produção e distribuição de significados; como lugar que, inevitavelmente, se insere na construção de políticas de identidades.

Enquanto uma única pessoa continuar a ser caracterizada e discriminada pela cor da pele escura, enquanto uma única pessoa se obstinar, por causa de sua diferença, a lançar sobre outra pessoa um olhar globalizante que a desumaniza ou a desvaloriza, a negritude deverá ser o instrumento de combate para garantir a todos o mesmo direito fundamental de desenvolvimento, a dignidade humana e o respeito das culturas do mundo. (Munanga, 2025, p.20).

Desse modo, currículo, cultura, representação e identidades são categorias que se articulam na produção de uma perspectiva crítica do fazer pedagógico escolarizado. O projeto visa então desestabilizar currículos em processos de enegrecimento, possibilitando à própria comunidade protagonizar a produção de saberes que se fazem no diálogo com seus artistas e fazedores/as de cultura, inclusive muitos/as desses inseridos/as na própria comunidade estudantil. Os estudantes reconhecem-se como protagonistas de sua própria história e passam a questionar criticamente as condições em que vivem, buscando práticas de emancipação. (Freire, 1987).

As escolas têm buscado adaptar-se aos novos modelos de ensino e aprendizagem, através de práticas exitosas com a inserção de projetos na proposta pedagógica da unidade. O educador e escritor William Bender é um defensor do ensino diferenciado em sala de aula no seu livro *Aprendizagem Baseada em Projetos, Educação Diferenciada para o século XXI*, o autor destaca: “Na aprendizagem baseada em projetos, os alunos recebem ou desenvolvem uma tarefa desafiadora e complexa, que se parece com tarefas que os adultos podem enfrentar no mundo real”. (Bender, 2014, p.23).

A Educação Baseada em Projetos é uma abordagem eficaz para transformar a educação, tornando-a mais significativa e alinhada às necessidades do mundo atual. Um projeto bem estruturado pode não apenas impactar de forma positiva os alunos, mas também inspirar mudanças no sistema educacional como um todo.

### 3 Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, orientada pela observação da experiência no desenvolvimento do projeto interdisciplinar implementado desde 2022 em uma escola de ensino médio em tempo integral. Trata-se de uma pesquisa-ação, pois busca tanto familiarizar-se com a realidade investigada quanto, permitindo interpretar os efeitos e sentidos da Educação Baseada em Projetos no cotidiano escolar. Segundo Gil (2019) a abordagem qualitativa é apropriada para observar os sujeitos e suas experiências cotidianas.

Deste modo, a coleta de informações ocorreu por meio da observação participante, registros em diários de campo, relatos reflexivos de professores e

estudantes, além de materiais produzidos no decorrer das atividades do projeto. Esses dados permitirão compreender como os sujeitos percebem, vivenciam e ressignificam o processo de aprendizagem interdisciplinar.

#### 4 Análise e discussão dos dados

Este trabalho se propôs a desenvolver um projeto de duração anual e interdisciplinar, por envolver as disciplinas das áreas de Ciências Humanas e Linguagens, como História, Sociologia, Arte, Literatura e as disciplinas dos Itinerários Formativos, no decorrer do ano letivo foram desenvolvidas diversas ações, como cineclubes, criação de jogos, podcast, vídeos, exposição fotográfica, oficinas de cuidados estéticos, tranças, turbantes, dança, capoeira, dentre outras atividades nas turmas de tempo integral. O colégio dispõe de uma estrutura física nova e ampla com espaços que viabilizam a execução de atividades extracurriculares, em 2024 ofertamos a oficina de hip-hop a pedido dos estudantes que apreciam a cultura e as músicas harper's, alguns alunos compõem e cantam o estilo, são expressões de resistência da cultura negra. “Nesse sentido, a cultura negra não tem sido mais compreendida como algo estático e uno, imutável, dotada de essencialidade, mas sim como um sistema de significações em permanente mudança.” (Souza, 2011, p.50)

A implementação da Educação Baseada em Projeto (EBP) por meio do Enegre(S)er demonstra potencial para promover aprendizagem significativa e engajamento dos discentes. Os dados coletados indicaram que a abordagem interdisciplinar facilita a conexão entre diferentes áreas do conhecimento, com destaque para História, Literatura e Artes, centradas na cultura afro-brasileira. A produção de materiais audiovisuais, debates e exposições permite que os alunos articulem os conhecimentos teóricos com reflexões críticas sobre questões raciais.

Segue abaixo alguns registros das atividades realizadas no Enegre(S)er desde 2022:

Figura 1. Oficina de autocuidado dos cabelos crespos e cacheados (2022)



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 2. Quadro produzido por uma estudante. (2023)



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 3. Oficina de fotografia das belezas negras.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Figura 4. Palestra sobre mulheres quilombolas.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2024)

Figura 5. Palestra sobre Racismo Científico



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2024)

Figura 6. Card de exibição do cineclube



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2025)

Figura 7. Página no podcast no Spotify (2025)



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2025)

## 5 Considerações finais

Observa-se que os estudantes desenvolvem maior autonomia na investigação de temas como identidade racial e representatividade. No entanto, a execução enfrenta desafios, como a resistência de alguns docentes em adotar metodologias não tradicionais e a dificuldade em alinhar o projeto ao currículo formal.

Nota-se que as ações do projeto estão sendo ampliadas a cada ano, em 2024 pensamos no podcast voltando para as questões negras, o Podcast intitula-se Enegreicast, temos sessões mensais de cinema com o Cine Paulão, todos os filmes e documentários tem protagonistas negros e os estudantes podem indicar filmes para exibição no teatro da escola, temos semanalmente oficinas de capoeira.

Em novembro temos a culminância do projeto, onde os alunos preparam apresentações de danças, teatro, desfile, música, pratos da culinária afro, e este ano teremos a feira de Arte e Empreendedorismo onde os estudantes poderão vender as camisas e os quadros pintados por eles na oficina de grafite e nas aulas de Arte.

Espera-se com este trabalho, maior engajamento e motivação dos alunos, desenvolvimento de habilidades como criatividade, pensamento crítico e colaboração, fortalecendo o protagonismo estudantil, especialmente dos jovens da periferia, melhoria

do desempenho escolar, espera-se também o engajamento de toda comunidade escolar nas ações desenvolvidas.

Além disso, este projeto será expandido como um estudo comparativo entre os as ações para fortalecimento da identidade étnico-racial e educação antirracista desenvolvidas numa escola pública urbana e uma escola pública rural quilombola na cidade de Juazeiro-BA.

## 6 Referências

ARROYO, Miguel R. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes,2013.

BACICH, Lilian; MORAN, José (Org). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso,2018.

BENDER, William N. **Aprendizagem Baseada em Projeto**. Educação Diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso,2014.

CAVALLEIRO, Eliane. (org.). **Racismo e antirracista na Educação**: repensando nossa escola. 7. ed. São Paulo: Selo Negro, 2024. 216p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra.1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

PEREIRA, Sueli Borges. **Etnia, Raça e Identidade: contrapontos no currículo escolar**. In: NASCIMENTO, Ilma Vieira; MORAES, Lélia Cristina Silveira; BONFIM, Maria Núbia Barbosa (Org.). **Currículo Escolar: dimensões pedagógicas e políticas**.. São Luís: Edufma,2010. p.224.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Educação, pedagogia histórico- crítica e BNCC. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2025.235.p.

SILVA, Tadeu Tomaz. **O Currículo como Fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 1 ed.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 170p.

NOTA: Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submetido em: 08/01/2026

Aceito em: 24/03/2026

Publicado em: 16/05/2026